
Aspectos epidemiológicos das parasitoses intestinais

FÁBIO BRANCHES XAVIER(UNINGÁ)¹
LIGIA MAIA CARNEIRO(UNINGÁ)¹

RESUMO

As parasitoses intestinais humanas são conhecidas como uma das maiores endemias, principalmente devido à sua alta prevalência e distribuição geográfica. Estas compreendem as infecções produzidas por protozoários e helmintos. Estima-se que existe no mundo aproximadamente 3 bilhões de indivíduos parasitados por pelo menos uma espécie de parasita intestinal. Para que haja a instalação de uma doença parasitária, existe a necessidade de alguns fatores intimamente ligados ao parasito e ao hospedeiro. Na etiologia das parasitoses intestinais estão envolvidos fatores sociais, econômicos e biológicos, abrangendo uma série de variáveis que dependem principalmente das características epidemiológicas da área geográfica investigada. Todos esses fatores predisõem ao desenvolvimento das parasitoses intestinais nos países em desenvolvimento.

Palavras-chave: Epidemiologia. Parasitoses intestinais. Saúde coletiva.

INTRODUÇÃO

As parasitoses intestinais humanas compreendem as infecções produzidas por protozoários e helmintos que habitam a luz e a parede do tubo digestivo, desde o estômago até o ânus (SOUZA; SOUZA, 1993).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), de cada quatro indivíduos do planeta, pelo menos um está parasitado com algum tipo de helminto (MACHADO et al.,1999).

¹ Professores Mestres Faculdade Ingá – UNINGÁ

A notificação dessas doenças e a quantificação por meio de coeficientes de morbidade e principalmente mortalidade infantil, além de permitir comparação com outras regiões ou países, constitui indicador fidedigno do atraso sócio-econômico em que se encontra uma nação. O problema da morbi-mortalidade por parasitoses intestinais no Brasil é agravado também pelo sistema de saúde, que além de “sucateado”, insiste em assistir demanda espontânea e criar medidas educativas e de prevenção somente após a instauração de surtos, ou seja, investe-se muito em medidas curativas em detrimento a prevenção (LUDWING et al. 1999).

Na compreensão da epidemiologia das parasitoses intestinais, torna-se necessário primeiramente o conhecimento dos elementos que irão determinar a relação de causa e efeito. Nesse ensejo, destacam-se agente, hospedeiro e meio, ou seja, parasita, homem e meio ambiente. Uma tríade que irá estabelecer a história natural da doença, específica e peculiar a cada espécie de parasito (ROUQUAYROL; FILHO, 1999).

Sabe-se que existe certa unilateralidade de benefícios na relação parasito - hospedeiro, entretanto, a mesma é extremamente estável, pois o parasita tem como objetivos principais a busca de proteção e alimentação intra hospedeiro. Então estabelece-se uma relação harmônica tendendo a um certo equilíbrio, onde raramente o parasito leva o hospedeiro a morte, mantendo-se somente a espoliação constante (REY, 2001).

Para que haja a instalação da doença parasitária, existe a necessidade de alguns fatores intimamente ligados ao parasito e ao hospedeiro. Virulência, número de exemplares, tamanho, localização e metabolismo, são fatores inerentes ao parasito. Quanto ao hospedeiro tem-se idade, estado de nutricional, nível de resposta imune, intercorrência de outras doenças, hábitos e uso de fármacos. Desta gama de fatores, mais as condições ambientais em que se encontra o homem, pode-se discernir o doente, portador assintomático e não doente (PEREIRA, 1995; VERONESI; FOCACCIA, 1996).

2. Resistência natural as parasitoses intestinais

Os fatores que determinam a resistência as parasitoses intestinais são mecanismos fisiológicos naturais que servem de barreiras muito

eficazes e podem destruir os parasitos antes de se alojarem em nível intestinal (MACEDO et al., 1998).

Dentre outros fatores, que não estão ligados diretamente à fisiologia humana, estão a resistência etária e a característica da dieta utilizada. Em relação ao primeiro fator, pode-se citar que quando maior a idade, menores são as chances de ser parasitado, já a dieta, determinará a integridade do estado nutricional, indispensável ao desencadeamento da resposta imunológica (PEREIRA, 1995; ORTIZ et al. 2000).

A pele representa a primeira barreira do organismo humano contra invasão de qualquer agente infeccioso (REY, 2001).

Na transmissão por ingestão, geralmente de água ou alimentos contendo ovos ou larvas de parasitos, tais agentes, irão sofrer a ação química do suco digestivo, que poderá destruir os ovos ou larvas dos vermes. Em caso de resistência a essas duas primeiras barreiras, o organismo utiliza-se do mecanismo de fagocitose, onde células com atividade granulopéxica do sistema retículo-endotelial, iniciam o processo de destruição do invasor. A ação fagocitária se dá mais facilmente quando o parasita apresenta vitalidade diminuída (LEÃO, 1997; CONTRAN; KUMAR; COLLINS,1999; ORTIZ et al. 2000).

3. Parasitoses intestinais no Brasil

No Brasil pode-se considerar as parasitoses intestinais como uma das maiores endemias, principalmente devido à sua alta prevalência e distribuição geográfica. O primeiro grande inquérito coproparasitológico realizado no Brasil foi entre os anos de 1916 e 1920 em 10 estados. Observou-se taxas de prevalência variando entre 78.2% e 94.4% (TATEYAMA; PUCCINI; WECHSLER, 2000).

Outros inquéritos foram realizados até a década de 70. A partir desta década, existiu uma infinidade de estudos isolados sobre prevalência e incidência de parasitoses intestinais. Tais estudos fizeram uma abordagem regionalizada, onde as características epidemiológicas foram bastante peculiares, não permitindo muitas vezes comparar as taxas de prevalência e/ou incidência com outras regiões. (MACEDO et al., 1998).

Em estudo realizado por Paes; Silva, 1999, observou-se reduções consideráveis das taxas de mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias, entretanto, os estados das regiões norte e nordeste ainda apresentam as maiores taxas de mortalidade do país. Ficou evidente

também que crianças com idade inferior a 1 ano eram bastante afetadas e apesar do decréscimo global das taxas de mortalidade e da diminuição das taxas de mortalidade proporcional por doenças infecciosas e parasitárias, a mortalidade ainda permanece elevada em algumas regiões do Brasil. Ainda nesse estudo os autores referiram a teoria da “transição epidemiológica”, corrente não só para o Brasil, mas para o mundo. Trata-se da inversão do quadro nosológico das doenças, onde observa-se atualmente redução nas taxas de morbi-mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias e ascensão das doenças de caráter crônico-degenerativas. Na região amazônica pode-se destacar o estudo feito em 1994, onde foi detectado 54.8% de exames positivos para helmintos na cidade de Belém. Neste estudo, foram analisados 5994 exames parasitológicos das fezes no Hospital Universitário João de Barros Barreto (LEÃO, 1997).

REFERÊNCIAS

CONTRAN, R.S.; KUMAR, V.; COLLINS, T. Robbins Patologia estrutural e funcional. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

LEÃO, R.N.Q. Doenças infecciosas e parasitárias: enfoque Amazônico. Belém: CEJUP/UEPA/IEC., 1997

LUDWING, K.M. et al. Correlação entre Condições de Saneamento Básico e Parasitoses Intestinais na População de Assis, Estado de São Paulo. *Rev da Soc Bras de Méd Tropical*. 32(5):547-555, set./out., 1999.

MACEDO, L.M.C et al. Enteroparasitoses em Pré-escolares de Comunidades Favelizadas da Cidade do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad Saúde Publ*, Rio de Janeiro. 14(4):851-855, out./dez., 1998.

MACHADO, R.C. et al. Giardíase e Helminthíases em Crianças de Creches e Escolas de 1º e 2º Grau (públicas e privadas) da Cidade de Mirassol (SP, Brasil). *Rev da Soc Bras de Méd Tropical*. 32(6)697-704, nov./dez. 1999.

ORTIZ, D. et al. Influencia de las infecciones Helmínticas y el Estado Nutricional en la Respuesta Inmunitaria de Niños Venezolanos. *Rev Panam Salud Publica*, 8(3), 2000.

PEREIRA, M.G. Epidemiologia: teoria e prática., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

REY, L. Parasitologia: Parasitos e doenças parasitárias do homem nas Américas e na África. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

ROUQUAYROL, M.Z.; FILHO, N.A. Epidemiologia e saúde. 5 ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.

SOUZA, D,W,C; SOUZA, M.S.L. Parasitoses intestinais. In: Clínica Médica: os princípios da prática ambulatorial. São Paulo: Atheneu, 1993.

TATEYAMA, R.N.; PUCCINI, R.F.; WECHSLER, R. Parasitoses intestinais. In: Tratado de Infectologia. São Paulo: Atheneu, 2000.

VERONESI, R.; FOCACCIA, R. Tratado de Infectologia. São Paulo: Atheneu, 1996.

